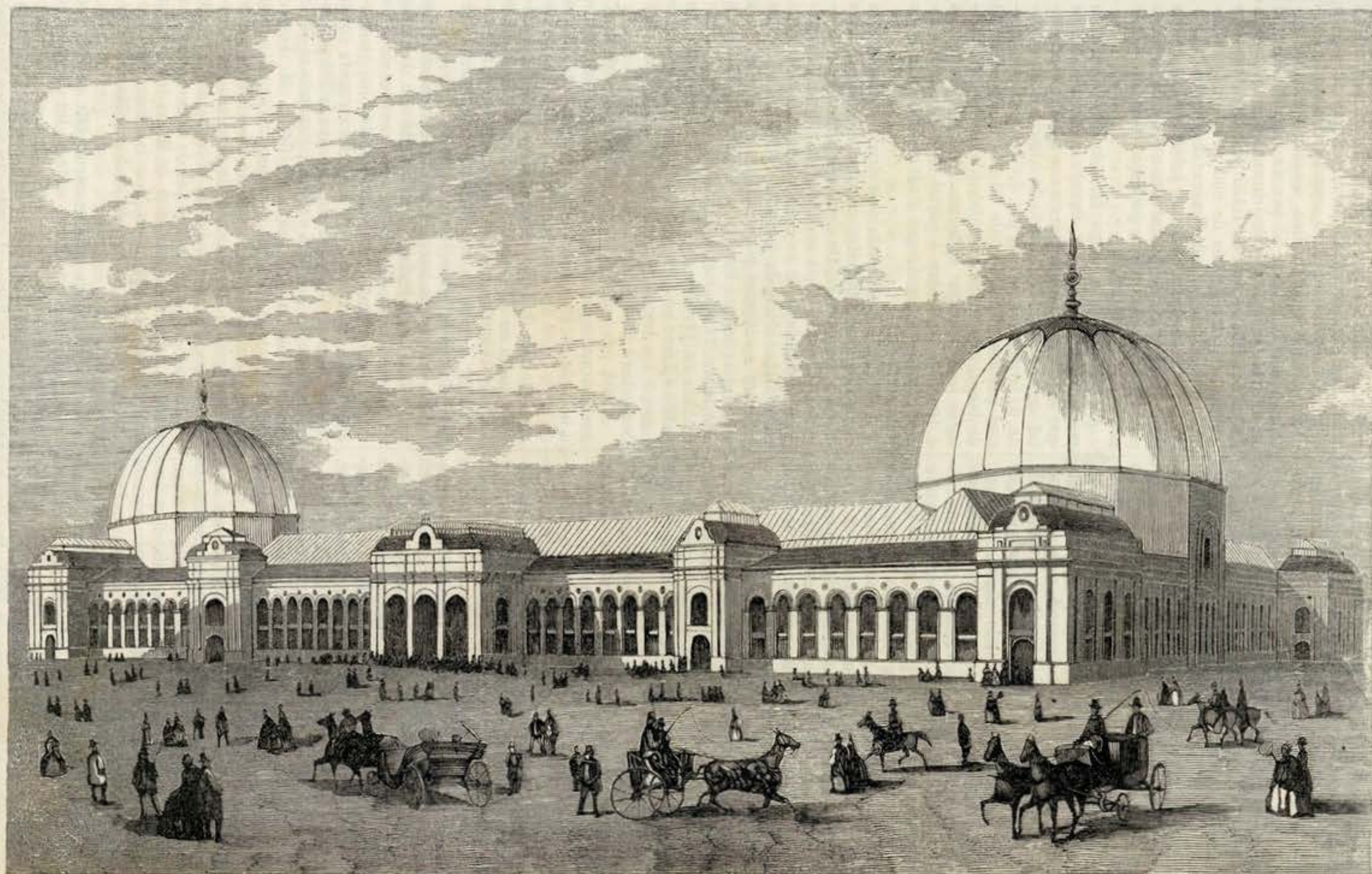


Palacio que se ha de construir para a proxima exposição de Londres

NOVA EXPOSIÇÃO DE LONDRES

A segunda exposição universal que se ha de abrir em Londres a 1 de maio de 1862, e á qual tambem somos convidados a concorrer, ha de fazer-se n'um palacio construido expressamente para este acto. O risco já está approvado, e é o que hoje dâmos em gravura, segundo foi publicado na *Illustração Ingleza*.

Mas d'esta vez não será de cristal o palacio da exposição de Londres. Apesar do applauso que obteve de todo o mundo a originalidade d'aquella edificação, a experiencia mostrou que estas leves e elegantes construcções, onde não entra, a bem dizer, mais que o ferro e o vidro, tem inconvenientes. No verão é difficil evitar que o sol penetre no interior com grande intensidade, sendo necessario para isso um complicado systema de toldos e de cortinas immensas, que passando certa altura custa a levantarem-se quando é necessario, e estando corridas, n'algumas horas do dia fazem demasiada sombra para o exame de certos objectos de arte, os quadros principalmente. Quando chove, por mais bem soldadas que estejam as vidraças, nunca se evita completamente a infiltração da agua por tão grande numero de intersticios. E sobretudo, o ultimo estrago que padeceu o palacio de cristal de Sydenham, arrancando-lhe um tufão toda a nave, prova que estas construcções não podem sempre resistir á violencia das perturbações atmosphericas.

Entretanto estes inconvenientes, do emprego do vidro e do ferro, dão-se unicamente no exterior dos edificios; para o interior, as columnas e as arcadas de ferro continuam a ser adoptadas.

M. Fowke, capitão de engenheria, cujo risco foi o que se approvou para o novo palacio, depois de severo exame, adoptou o tijolo e a argamassa para materiaes externos d'esta sua construcção, que se presta a poderem-se rasgar muitas janellas e clarasboias para entrar a luz com profusão.

O palacio de cristal feito para a exposição de 1851, occupava uma superficie de 23 ares. O de 1862 abrangerá, com o annexo, mais de 40. O comprimento total do primeiro era de 1851 pés inglezes, largura 400. O edificio de 1862 terá 1,200 pés de comprido, mas 700 de largo. O annexo, destinado para as machinas e instrumentos aratorios, terá 1,000 pés de comprimento, e 220 de largura. Em summa, a superficie do antigo era de 772,784 pés quadrados; a do novo será de 1,300,000, isto é, o dobro do primeiro. Em 1851, tinha o palacio na sua maior altura 160 pés, e a nave principal não mais de 60, e 72 de largura. Em 1862, a maior altura será 260 pés; a nave terá 100 d'alto, e 85 de largo, sendo de todo o comprimento do edificio, isto é, de 1,200 pés.

O annexo será independente do palacio, separado por alguns metros, para evitar a communicação de algum incendio, tão facil de acontecer onde as machinas de vapor hão de trabalhar.

Haverá tambem uma exposição de quadros. Este ramo importantissimo das bellas-artes foi excluido da outra exposição. Apenas a esculptura as representou. Os inglezes porém querem d'esta vez dar-lhes uma indemnisação ampla. O espaço destinado para os quadros é consideravel. Compõe-se de duas galerias parallelas, que occupam o primeiro andar de diante, quasi em todo o comprimento do palacio; a superficie coberta tem o dobro da que foi destinada para a exposição de bellas-artes de Manchester em 1857. Os inglezes tem aproveitado as criticas severas que os seus proprios lhes fizeram de 1851. Para prova d'esta asserção, basta citar um só facto.

Em 1851 não havia em Inglaterra mais que 19 escholas de bellas-artes, frequentadas por 7:000 alumnos; hoje tem 84 com 84:082.

A fachada seguirá parallelamente á rua de Cromwel na extensão de 1:200 pés, de léste a oéste. Esta parte do edificio terá 110 pés de largura ao rez do chão, que será occupado pelas viaturas de toda a especie. No primeiro plano, como já dissemos, haverá duas galerias de quadros, divididas por uma parede, tendo cada uma 55 pés de largura sobre 35 de altura. Quanto ao comprimento varía; do lado da parede frontal será de 1:153 pés; as outras duas paredes não terão mais de 800 pés, sendo cortadas por dois transeptos dos quaes fallaremos logo. Estas galerias reunidas terão uns 4:600 pés de área. Os quadros hão de ser pendurados em altura que não exceda a 26 pés do chão, para que mais facilmente se possam examinar.

Ao centro d'esta longa fachada fica a entrada principal, affectando um aspecto monumental, sem que se possa julgar tal, por ser mui pouco elevada relativamente ao comprimento do edificio. Esta entrada, da largura total de 150 pés, divide-se em tres enormes portaes arqueados, de 60 pés d'alto sobre 50 de largo, que ainda são subdivididos em tres aberturas separadas por columnas, com 40 pés de alto e 10 de largo. Sobre o portal do meio ha um nicho com sua estatua, que ainda se não sabe o que representará.

A direita e á esquerda da entrada principal terá dezeseis grandes janellas arqueadas, trinta e duas ao todo, na fachada. De cada lado junto á oitava janella, ha outra porta com uma só entrada, de menores dimensões que as outras tres, e o mesmo em cada extremidade da fachada. Subir-se-ha a estas differentes entradas por um lanço de escadaria aos dois lados; haverá mais tres entradas de 56 pés de alto sobre 22 de largo. Na altura de 60 pés, onde acabam as paredes de tijolo, haverá em volta de todo o edificio uma vidraça de 25 pés de alto, d'onde começará o tecto de fórma inclinada, o qual será de madeira guarnecido de janellas.

A 300 pés por detraz das galerias dos quadros, se construirá a grande nave, correndo parallelamente á fachada em todo o seu comprimento; terá 80 pés de largo sobre 100 de alto, desde o chão até ao ponto mais elevado do tecto. A nave do palacio de Hyde-Park tinha só 72 pés de alto sobre 72 de largo, e 1851 de comprimento (numero escolhido para commemorar o anno da sua fundação); o transepto tinha 108 pés de elevação.

Dois transeptos lateraes dividirão cada uma das extremidades da fachada, estendendo-se á distancia de 700 pés. Na sua intersecção com a nave se elevarão duas salas ou pavilhões em fórma octogona, guarnecidas cada uma d'ellas de magnifica cupula como os pavilhões. A altura das cupulas será de 200 pés interiormente, e 250 pelo exterior, tomando-se como ponto principal a elevação da flecha. M. Fowke conta muito, sem duvida, com as duas cupulas para o effeito architectonico do palacio. São effectivamente de um grande atrevimento de construcção, e excedem em diametro todas as cupulas conhecidas e citadas até hoje. Terão 160 pés de diametro na sua base. A cupula do Pantheon de Roma tem apenas 142; a da bibliotheca do Museu Britannico, construida em 1857, 140; a da de Santa Maria de Florença, 139.

O sitio escolhido para construir este palacio fica ao sudoéste de Hyde-Park, onde se fez a exposição universal de 1851.

A commissão portugueza nomeada para representar o reino de Portugal n'esta exposição, é presidida por S. M. el-rei D. Fernando.

O COUTEIRO-MÓR

CONTO DE ALEXANDRE DUMAS—VERSÃO DE L. A. LUDOVICE DA GAMA

(Vid. pag. 70)

Ouviram-se dois tiros.

Um instante depois, viu-se chegar Bobino de orelha murcha; tinha errado o javali com dois tiros, e o animal continuava a ser caçado por todos os cães que o perseguiam, cujos latidos se afastavam cada vez mais.

Caçámol-o todo o dia, e deu-nos muito que fazer durante cinco horas; não o abandonámos senão pouco depois do sol posto, e não tornámos a ouvir fallar d'elle, posto que Bernardo tivesse feito saber, não só aos couteiros de Villers-Cotterets, mas tambem aos das florestas visinhas, que se algum d'elles, por acaso, matasse um javali *desrabado*, e que quizesse possuil-o completo, encontraria o rabo do finado pendente de uma das casas da farda do couteiro Bobino.

Todavia, posto que a caçada tivesse sido, sem contradicção, mais recreativa do que se tivesse produzido um resultado completo, não tinha preenchido de modo nenhum o fim a que se propunha o intendente, pois elle tinha recebido ordem de destruir os javalis e não de os *inglezar*.

Assim, quando o intendente se separou dos seus couteiros, ordenou uma caçada para a quinta feira proxima, mandando rastejar ou *emprazar*, até esse dia, o maior numero de javalis que fosse possivel.

Ora, como a quinta feira era dia feriado, obtive de M. de Violaine a condescendencia de admittir-me não só na proxima caçada, mas tambem nas mais que houvessem nas quintas feiras e nos domingos.

Para aquelle dia, o ponto de reunião dos caçadores tinha sido fixado no Regard-Saint-Hubert.

M. de Violaine e eu chegámos á hora militar; todos os couteiros nos esperavam no local determinado com a sua pontualidade habitual: havia tres emprazados: dois farropos e uma porca.

Escusado é dizer que todos os couteiros, sem excepção, perguntaram a Bernardo se sabia noticias do javali.

Mas Bobino, como homem folgasão, só podia mostrar o rabo do javali que ainda conservava preso á casa da farda, do resto do animal nada mais sabia até áquella hora.

N'aquelle dia havia tres javalis para atacarmos, como já dissemos: um na coutada de Bertholino, outro na de Bernardo, e o terceiro na do Maneta.

Começou-se por aquelle que se achava mais proximo: era um dos farropos emprazados por Bertholino; antes de ter saido do cerco foi morto por Mildet, que lhe atravessou o coração com uma bala.

Passou-se ao segundo, que estava, como dissemos, na coutada de Bernardo. Era a pouco menos de uma legoa do sitio aonde tinha sido morto o primeiro. Bernardo, segundo o seu costume, conduziu-nos á Casa-Nova para comermos um pedaço de pão, e bebermos um copo de vinho; depois d'isto partimos.

Formou-se o cerco. M. de Violaine, segundo a promessa que tinha feito a minha mãe, tinha-me collocado entre si e o seu couteiro particular, que se chamava Francisco. Depois de Francisco seguia-se o Maneta; depois d'este, não me recordo quem era o outro. D'esta vez tratava-se de atacar a porca.

Bernardo entrou na matta com o seu sabujo de trela; um momento depois o javali estava a caminho. Nós sentimol-o vir, como a primeira vez, batendo os queixos um contra o outro. M. de Violaine, por quem elle passou primeiramente, atirou-lhe dois tiros, mas errou-o. Eu atirei-lhe um; mas, como era o primeiro javali a que atirava, tambem o errei. Finalmente, Francisco tambem lhe atirou, e feriu-o em cheio no corpo; immediatamente a porca voltou-se em angulo recto, e, com a rapidez do raio, dirigiu-se contra aquelle que a tinha ferido. Francisco atirou-lhe segundo tiro quasi á queima roupa; mas no mesmo instante, Francisco e o javali formavam um grupo informe. Ouvimos um grito afflictivo; Francisco tinha caido de costas; a porca enfurecida achava-se sobre elle, e molestava-o com grandes trombadas. Apressámo-nos todos a acudir-lhe; mas, n'esse momento, ouvimos uma voz gritar com accento imperativo: «Estae quietos!» Todos ficaram immoveis nos seus logares. Vimos o Maneta abaixar o cano da sua espingarda na direcção do grupo terrivel. O atirador permaneceu immovel durante um pequeno espaço de tempo, o tiro partiu, e o animal, ferido ao lado da espadoa, foi cair a quatro passos distantes d'aquelle a que tinha derribado.

—Agradeço-vos, meu velho, disse Francisco levantando-se; e, se algum dia precisardes de mim, encontrar-me-heis na vida e na morte!

—A coisa não vale a pena, disse o Maneta.

Acudimos todos a Francisco; tinha uma mordedura no braço, nada mais; mas isso não era nada em comparação do que poderia succeder-lhe; assim, quando notámos a pouca gravidade da ferida, todas as nossas exclamações se reduziram em felicitações ao Maneta. Mas, como não era a primeira vez que succedia um caso d'aquella natureza, o Maneta recebeu os nossos comprimentos como homem que não acha extraordinaria uma coisa tão simples, e, na sua opinião, tão facil de executar.

Depois de nos termos occupado dos homens, occupámos-nos do animal. Tinha recebido duas balas de Francisco, mas uma tinha-se achatado na côxa, quasi sem lhe cortar a pelle; a outra tinha-lhe passado de raspão pela cabeça, aonde lhe tinha deixado um vestigio distincto e mui sangrante. Quanto á bala do Maneta, essa tinha entrado por detraz da espadoa, e foi a que matou o animal redondamente.

Encarnaram-se [1] os cães, e continuou-se a caçar como se não tivesse havido nada, ou como se se prevesse que succederia, antes de anoitecer, um incidente muito mais horroroso que este que acabámos de contar.

O terceiro ataque devia ter logar na coutada do Maneta. Formou-se o cerco, e tomaram-se todas as mais precauções que se haviam tomado nas batidas precedentes.

N'esta caça fui collocado entre M. de Violaine e Bertholino; depois o Maneta entrou na floresta para levantar e desacoutar o animal. Cinco minutos depois, os latidos do cão annunciaram-nos que o animal estava a caminho.

Immediatamente ouvimos um tiro de clavina, ao mesmo tempo vi uma pedra arenosa que estava a quarenta passos, pouco mais ou menos, distantes do meu posto, despedaçar-se; em seguida a isto senti um grito de dor. Voltei-me, e vi Bertholino, que, com uma das mãos se agarrava cambaleando ao tronco de uma arvore, e com a outra applicada sobre um dos seus lados.

Depois abaixou-se, curvando-se distinctamente, deixando-se cair no chão, e soltando um gemido profundo.

—Acudam! gritei eu; acudam! Bertholino está ferido.

Corri a elle, seguido de M. de Violaine, em quanto

[1] *Encarnar* os cães, significa em termo de montaria dar-lhes a comer as entranhas ou qualquer outra parte do animal que se matou.—É uma especie de recompensa, sem a qual não ha bom cão corredor para montaria.

Nota do Traductor.

que, de toda a linha, os atiradores se aproximavam de nós.

Bertholino estava sem sentidos, levantámol-o; o sangue corria em jorro de uma ferida que elle tinha recebido por cima do quadril esquerdo; a bala tinha-lhe ficado no corpo.

Estavamos todos em torno do moribundo, interrogando-nos com a vista para sabermos qual de nós tinha disparado aquelle tiro tão fatal; quando vimos sair da matta Bernardo, sem boné, pallido como um espectro, trazendo na mão a sua clavina ainda fumegante, e gritando:

— Ferido, ferido! quem é que disse que meu tio estava ferido?

Nenhum de nós respondeu; mas apontámos para o moribundo, que vomitava golphadas de sangue.

Bernardo approximou-se, com os olhos espantados; o suor inundava-lhe a fronte, os cabellos estavam arripiados; approximou-se do ferido, soltou uma especie de rugido, partiu a coronha da clavina contra uma arvore, e atirou o cano para mais de cincoenta passos de distancia.

Depois caíu de joelhos, supplicando ao moribundo que lhe perdoasse; mas elle já tinha fechado os olhos para não tornar a abril-os.

Fez-se no mesmo instante uma especie de liteira com troncos de arvores, e collocámos o ferido sobre ella para transportal-o á casa do Maneta, que era a quatrocentos passos distante do theatro d'aquella scena tragica. Bernardo ia ao lado da liteira, mudo, sem verter uma lagrima, e pegando na mão de seu tio. Entretanto um dos couteiros montou no cavallo do intendente, e partiu a toda a brida para ir buscar um facultativo á cidade.

O facultativo chegou d'ahi a meia hora para annunciar o que todos nós haviamos suspeitado, isto é, que a ferida era mortal.

Era mister transmittir esta noticia á mulher do ferido. O intendente encarregou-se d'essa triste mensagem, e dispoz-se a sair d'aquella casa. Então Bernardo levantou-se, e approximando-se d'elle, disse:

— M. de Violaine, em quanto Bernardo existir não faltará nada á viuva de meu tio, pobre mulher! e dizei-lhe, que se ella quizer vir morar em minha casa, recebel-a-hei o melhor possivel, e tratal-a-hei sempre como se fosse minha mãe.

— Sim, Bernardo, sim, disse M. de Violaine, sim, eu sei que tu és um homem de bem, socega, que não és culpado.

— Ah! senhor intendente, dizei-me ainda mais algumas palavras como as que acabaes de proferir. — Ah! senhor, sinto desejos de chorar.

— Chora, meu pobre rapaz, chora, disse M. de Violaine, é um desafogo que te alliviará.

— Oh! meu Deus, meu Deus! exclamou o infeliz soltando mil soluços pungentes, e caindo no chão.

A coisa que mais me tem commovido n'este mundo, é ver uma grande força quebrada por uma grande magoa. A vista d'aquelle homem, luctando contra a morte, tinha-me impressionado menos que a vista do outro que chorava.

Fomos saindo uns depois dos outros d'aquella casa funebre, aonde apenas ficou o ferido, o facultativo, Bernardo e o Maneta.

Bertholino expirou n'aquella noite.

No domingo immediato havia outra caçada.

O ponto de reunião foi na Bruyère-au-Loup. O intendente tinha convocado todos os couteiros, excepto o Bernardo; mas, convocado ou não, Bernardo não era homem que faltasse ao seu dever. Chegou á mesma hora a que todos nós tinhamos chegado, mas sem espingarda nem clavina.

— Para que vieste, Bernardo? perguntou M. de Violaine.

— Porque sou couteiro-mór, meu intendente.

— Mas, uma vez que eu não te convoquei...

— Sim, sim, comprehendo, e agradeço-vos. Mas o serviço está em primeiro logar. Deus sabe se eu daria a minha vida para que não tivesse succedido o que succedeu. Mas ainda quando eu ficasse em casa a lamentar-me, nem por isso o meu caro tio deixaria de estar debaixo da terra, pobre homem! Oh! ha uma coisa que me atormenta, M. de Violaine — é que elle expirou sem me haver perdoado!

— Como querias tu que elle te perdoasse! elle nunca soube que fôras tu quem tinha disparado aquelle tiro fatal.

— Não, por certo que o não soube no momento em que expirou, coitado! mas elle sabe-o lá no outro mundo... Os mortos sabem tudo, dizem.

— Vamos, Bernardo, vamos, animo.

— Oh! sim, não me falta o animo, M. de Violaine. Tenho-o; mas eu quereria que meu tio me tivesse perdoado.

Depois de dizer estas palavras chegou-se ao ouvido do intendente:

— Succeder-me-ha alguma fatalidade, vereis, disse elle. — E é porque meu tio não me perdoou.

— Estás louco, Bernardo?

— E possivel; mas é um presentimento que tenho...

— Basta, basta, cala-te, fallemos n'outras coisas. Por que não trouxeste uma espingarda ou uma clavina?

— Ah! meu intendente! é porque fiz o protesto de nunca mais durante a minha vida pegar em similhantes armas!...

— E com que matarás o javali, se elle resistir aos cães?

— Com que o matarei? disse Bernardo, com que?... Vêde, matal-o-hei com isto — mostrando a sua navalha.

— M. de Violaine encolheu os hombros.

— Duvidae tanto quanto vos aprouver, senhor de Violaine, será como vol-o digo. Demais, esses javalis infames é que foram a causa de eu assassinar meu tio. Eu com a minha espingarda não sentia que os matava; mas com a minha navalha será outra coisa. Além d'isso, com que é que se matam os porcos? com uma faca. Pois bem! um javali tambem é um porco.

— Finalmente, visto que tu não queres attender ao que se te diz, faze o que quizeres.

— Sim, deixae-me fazer o que eu entender, e vereis.

— Comecemos a caçar, senhores! disse o intendente.

Atacou-se como era costume; mas d'esta vez, posto que fosse ferido com tres ou quatro balas, o javali tomou o bom partido de se afastar para mui longe, e só depois de ser perseguido durante quatro ou cinco horas, é que se decidiu a resistir aos cães.

Nenhum caçador ignora, que ainda que se esteja mui cançado, a fadiga parece dissipar-se quando se chega ao momento do *hallali*. Tinhamos, em voltas e rodeios, andado mais de dez legoas; comtudo, desde que ouvimos os latidos dos cães que nos annunciavam acharem-se combatendo contra o javali, todos nós recuperámos as forças, e corremos para o ponto da floresta onde se estava representando aquella scena de furor e sangue.

Era n'um córte de oito ou dez annos, quer dizer que a matta podia ter doze pés de altura; á proporção que avançavamos, augmentava-se o ruido, e, de vez em quando, viamos apparecer por cima das arvores, um cão de pernas para o ar, que tinha sido lançado ás nuvens com uma trombada do javali,

uivando como um desesperado, mas que depois de se erguer tornava a investir com o javali. Finalmente chegámos a um sitio menos cerrado da matta, aonde o animal estava *acuado* contra as raizes de uma arvore derrubada; vinte e cinco ou trinta cães investiram com elle ao mesmo tempo, dez ou doze estavam feridos, alguns d'elles tinham o ventre rasgado; mas estes nobres animaes não sentiam a dor, e voltavam ao combate pisando as entranhas que tinham pendentes; era uma scena magnifica e horrorosa ao mesmo tempo. [1]

— Vamos, vamos, Maneta, disse M. de Violaine, atirae áquelle farçante; já temos bastantes cães mortos, acabemos com isto.

— Que é que dizeis, sr. intendente? exclamou Bernardo detendo o cano da arma que o Maneta ia metter á cara. Um tiro, um tiro a um porco! Nada! ha de ser uma facada, é o que lhe compete.



Bernardo... segurando o animal pelas pernas, apesar de todos os seus esforços

Esperae, esperae, eu vos mostro como a coisa se faz.

Bernardo abriu a sua navalha, e avançou para o javali, afastando os cães que, apesar d'isso, voltaram á carga; e confundindo-se n'esta turba movel e uivante, por dois ou tres segundos não nos foi possivel distinguir coisa alguma; mas de repente o javali fez um esforço para se arremeçar; cada qual se dispunha a engatilhar a sua espingarda, quando n'esse instante Bernardo se levantou, segurando o animal pelas pernas trazeiras, e sustendo-o, apesar de todos os seus esforços, com aquelle vigor de pulso que nós lhe conheciamos, em quanto os cães o investiam novamente, cobrindo-o com os corpos malhados de diversas côres, como se fosse uma manta de retalhos.

(Continúa).

Os cadaveres dos ricos não occupam maior espaço de terra que os cadaveres dos pobres; uns e outros, a uns ossos e umas cinzas se reduzem.

D. RAPHAEL BLUTEAU.

---

[1] É um facto geralmente citado pelos escriptores cynegeticos estrangeiros, que trataram da montaria, que quanto mais feridos estão os cães pelas *defesas* do javali; tanto mais se augmenta n'elles o furor e a pertinacia para o combate, uma vez que ainda se possam ter sobre as pernas e aproximarem-se da fera.

Nota do Traductor.

LENDAS NACIONAES

I

TOMADA DE SANTAREM

1147

(Conclusão. Vid. pag. 67)

VI

Como bella e poderosa pavoneava-se Santarem cheia de orgulho e vaidade. Revendo-se nos seus fastos, presumia-se, e não sem motivo, destinada a representar perpetuamente de rainha n'este canto do globo.

Concedera-lhe a natureza por throno alta montanha de rocha viva; por manto real os verdôres de perenne primavera; por vassallos campos sem fim, que a estão incensando de continuo com os perfumes de suas flores; e por guarda o Tejo caudaloso, que humilde lhe beija as plantas. Deram-lhe os homens, por faxa, nobre cinto de muros e torres ameiadas. E Marte ornára-lhe a fronte de tão vecejante coroa de loiros, que jámais poderam emmurchecel-a os invejosos da sua realeza.

Roma, a altiva dominadora do universo, apressou-se a ennobrecel-a com os titulos privilegiados de *colonia romana*, e de *convento juridico*. E o conquistador das Gallias não se esqueceu no meio dos seus triumphos, e das suas glorias, de a exaltar e honrar, trocando-lhe o antigo nome de *Scalabis* pelo nome mais pomposo de *Præsidium Julium*.

Quando o colosso do Tibre se humilhou diante dos barbaros do norte, tambem a princesa do Tejo se curvou aos vencedores dos romanos; mas não sem lhes fazer sentir duramente os espinhos da victoria.

Em baptismo de sangue se converteu ao christianismo, recebendo o nome godo de *Scalabiscatrum* (castello de Scalabis); mas tão perfeitamente soube guardar a fé christã, que mereceu que os anjos fabricassem em frente d'ella, no seio do Tejo, aquelle maravilhoso tumulo, onde veiu encerrar-se, trazido pela corrente do rio, o casto corpo da virgem e martyr Santa Iria, ou Irene, em honra da qual a cidade, como penhor de gratidão, se denominou d'ahi por adiante — Santarem.

Se depois consentiu que mãos infieis derrubassem a cruz de cima dos seus templos para inaugurarem o crescente de Mafoma, foi porque não valem forças humanas contra os decretos de Deus, que resolvêra castigar os peccados do rei D. Rodrigo, deixando alluir-se a monarchia dos godos ao impulso das hordas agarenas, vindas d'Africa. Porém já quasi toda a Peninsula dobrára a cerviz ao jugo musulmano, e ainda Santarem, a indomita, disputava a sua liberdade aos invasores (anno 715).

Não bastaram perto de quatrocentos annos de escravidão para quebrar o animo e amortecer o esforço aos descendentes dos seus antigos moradores. Quando D. Affonso VI, rei de Leão, lhe veiu pôr cerco em Abril de 1093, foram os christãos, que ahi viviam captivos, que facilitaram a conquista da praça ao neto de D. Pelaio, que, de simples vergontea dos reis godos, se transformára, pelo seu valor e perseverança, no tronco glorioso da arvore dos reis de Leão.

Abraçada com a cruz resistiu Santarem por dezesete annos ás meias luas sarracenas, que campeavam triumphantes em quasi toda a Lusitania. E se no anno de 1110 se rendeu ao poderoso exercito mauritano, que a sitiava, foi vencida da fome, não das armas.

Mas d'esta vez renegára completamente da fé christã. Os moiros, na sua entrada, exterminaram os seus inimigos, e não consentiram mais dentro dos muros christão algum, que não jazesse n'um carcere, ou trabalhasse na praça arrastando cadeias.

Não confiando já na protecção do Senhor, fortalecêra-se a renegada mais e mais, como se o logar não fôra só de por si uma fortaleza. Profundára e alargára os fossos antigos; alteára e remoçára as velhas muralhas; e construira novas torres e barbacãs.

Assim vestida com tão formidavel armadura, repoisava tranquillamente Santarem, orgulhosa do seu passado, desvanecida com as grandezas presentes, e descuidosa do futuro.

Mas lá no fundo do seu horisonte accumulavam-se negras nuvens, que lhe vinham toldando o ceo brilhante. A tempestade já bramia ao longe. E a renegada, cega de confiança em si propria, nada via, nem ouvia; ou então zombava de todos os perigos, e desprezava arrogante todas as ameaças.

VII

Caminhava ainda a hoste de D. Affonso através dos olivaes de Santarem, eis que se desprende do ceo uma grande estrella scintillante; rasga rapidamente os ares; corre sobre a cidade moirisca, que ao seu clarão surge das trevas; e deixando atraz de si longo rasto de fulgurante luz, qual estrada de esperanças, perde-se e fenece no espaço.

Como se obedecessem a uma voz, todos os cavalleiros pararam, tomados de espanto e sobresalto.

«É Deus, bradou D. Affonso Henriques, erguendo o braço, e apontando com a espada para o ceo; é Deus, que nos indica o caminho, que devemos seguir; e que nos promette a victoria. Não o duvideis; Santarem será nossa.» E logo mandou desmontar a sua tropa.

Ficam os pagens com os cavallos, onde o olival é mais espesso. Os cavalleiros dividem-se em duas partidas. Os cento e vinte, já designados para a vanguarda, levam na frente a D. Mem Ramires. Aos outros commanda el-rei. E assim dispostos pozeram-se todos a caminho, manso e manso, cuidando attentamente em fazer o menor bulicio possivel.

Parando e escutando de quando em quando, e avançando depois ainda mais lenta e cautelosamente, foram-se avisinhando da praça.

São chegados ao estreito e fundo valle, que pelo lado de leste corre entre o *Monte Iria*, ou, como agora se diz, *Montiraz*, e a encosta d'onde brota aquella fonte, a que os moiros, por certo amargor da agua, chamaram *Tamarmá* (agua *amargosa*), nome que com pouca corrupção se conserva no de *Atamarma*. [1] Vae subindo o valle entre os dois montes, desde o Tejo, onde começa, até acabar junto aos muros da praça, onde se abre a porta tambem chamada de *Tamarmá*.

Exceptuando a *Alcaçova*, era aquelle lado da praça o de mais difficil accesso.

O escabroso do caminho, que conduzia á porta; o ingreme da encosta, em que assentavam as muralhas; a grande altura d'estas; tudo concorria para que se julgasse quasi impossivel um assalto por tão fortalecido lado. Por esta razão era o ponto que os moiros tinham menos guardado.

Perscrutára Mem Ramires este segredo na sua ida a Santarem, e por isso conduzia por alli a sua brava phalange, não lhe importando os obstaculos do

[1] Segundo outros, *Tamarmá* quer dizer agua de tamaras, significando com este nome a sua doçura, ou a visinhança de alguma palmeira.

accesso. E tal era a valentia e força de vontade d'aquella gente, que subia sem ruido pelas asperezas e quebradas do monte, levando comsigo as escadas para o assalto.

Chegavam, porém, já perto dos muros, quando algumas vozes de moiros os fizeram estacar de improviso. Eram as vigias que se espertavam umas ás outras. Logo depois sentiram passar a ronda sobre as muralhas, e recommendar ás vélas que se não deixassem dormir, nem distrahir, e que estivessem com os olhos bem abertos, e os ouvidos bem attentos.

Mem Ramires estremeceu, e pela primeira vez lhe fraquejou o animo. O seu plano estava desfeito completamente. Aquelle lanço das muralhas já não era, como o vira, o menos guardado. Os moiros estavam precavidos; tinham duplicado as rondas, e as vigias. Até se enxergavam duas atalaias novamente construidas.

Passados alguns poucos instantes de desalento e indecisão, recobrou animo Mem Ramires, e ordenando aos seus, que largassem alli as escadas, foram-se todos esconder n'uma ceara proxima.

Ahi occultos nas leiras, sem fallar, quasi sem resfolegar, esperaram que a noite se adiantasse mais, e que o silencio dos valles de entorno, tranquillisando as vigias, as convidasse a dormitar. E lá perto da madrugada, quando a brisa matutina, refrescada nos orvalhos das plantas, vem, prenhe de somnos, cerrar os olhos dos que mais cuidadosos velam; ergueu-se D. Mem Ramires e os seus companheiros, e com passo leve, e meio curvado, como se quizessem confundir-se com a terra, dirigiram-se ao sitio onde tinham deixado as escadas, e com ellas vão-se acercando dos muros. Junto d'estes está uma velha olaria. Sobem dois homens acima do telhado; um é Mem Ramires, e o outro é o membrudo Moqueime, apontado entre os mais valentes pelas forças extraordinarias de que era dotado.

Péga D. Mem Ramires de uma escada; firma-a ao telhado; encosta-a á muralha; e cheio de intrepidez dispõe-se a subir por ella, em quanto Moqueime a segura. Porém a escada não chega ás ameias. Tentando pôl-a mais a pino, resvala, e cáe com estrondo sobre o telhado da olaria. Ficaram ambos mudos e quedos, como assombrados de um raio. Era a segunda tentativa mallograda. Porém d'esta vez crêram tudo perdido. Sem dizer palavra, cozeram-se estreitamente com o muro; e os outros companheiros, que aguardavam em baixo as ordens do chefe, apressaram-se a fazer outro tanto.

Na olaria não havia gente, pois que ninguem appareceu. Na praça nenhum rumor se sentiu; signal certo de que as guardas dormiam a somno solto.

Voltou, portanto, cada um ao seu posto. Alçou-se de novo a escada, mas agora, para mais segurança, e para ganhar maior altura, descança sobre os robusto hombros de Moqueime, que se curva para se firmar, a seu turno, nos joelhos.

É D. Mem o primeiro que sobe. Na mão esquerda empunha uma bandeira; com a direita ajuda-se a subir; e na bocca, apertada entre os dentes, leva a sua boa espada de Toledo.

Eil-o a galgar as ameias, e prestes a cravar na muralha o estandarte das quinas de Portugal. Após elle sobem dois cavalleiros, com as espadas nuas; outros mais os vão seguir. Mas apenas se achavam em cima os tres primeiros, desperta sobresaltada uma vigia, e com voz rouca e assustada lhes grita:

— Quem anda ahi?

D. Mem, que sabia a lingua arabe, promptamente respondeu, dando-se-lhe por camarada, e intimando-lhe certa ordem, que o obrigava a deixar o seu posto. E assim que o credulo moiro ia a descer da muralha para dentro da praça, correu D. Mem sobre elle, e de um golpe lhe cortou a cabeça. Porém mal acabava de a fazer voar por cima dos muros, para com a sua vista alentar aos que de fóra esperavam vez para subir ao assalto, outra vigia, que presenceára esta acção, rompeu em altos e continuos brados: *Christãos! Christãos!*

A este grito de alarma acóde immediatamente a ronda da praça, que andava perto. Sáe-lhe ao encontro D. Mem Ramires com os seus, que então não passavam de dez. Accommettem-se como leões. Retinem e scintillam as espadas dos nossos nos alfanges sarracenos. A ambas as partes se antolha a lucta de vida ou de morte. Combatem tão chegados, que já não tem campo para manejar a espada. Arrancam dos punhaes; arcam peito a peito; mordem-se e rasgam-se com as unhas, como feras!

D. Mem, temendo que os seus esmorecessem em tão encarniçada peleja, quebra o silencio d'aquelle tenebroso conflicto com o grito de guerra, que tanto alentava os christãos: *Santiago! Santiago!*

E logo, de fóra dos muros, corresponde a este brado a voz retumbante de D. Affonso Henriques: *Santa Maria, e Santiago!*

E pelas dez escadas encostadas ás muralhas subiam, uns após outros, cento e dez, dos cento e vinte homens a quem fôra commettida a escalada da praça.

Sôa o rebate por toda a cidade. A palavra *christãos* passada de bocca em bocca, chama uns á peleja, e leva aos outros o terror e a consternação. Acordados em sobresalto, todos os moiros se armam, ou se escondem, ou fogem. Mas nenhum sabe aonde ha de sair ao encontro do inimigo; ou onde deverá esconder-se, que encontre segurança; ou para onde fugirá, que ache salvação. Todos correm sem direcção nem acerto; e todos perguntam, sem deparar com quem saiba responder-lhes. Nas casas misturam-se os choros das crianças com os alaridos das mães. Nas ruas tumultuam promiscuamente guerreiros e populares, chocando-se e repellindo-se em terriveis encontrões, como ondas encapelladas em mar agitado por oppostos ventos.

Em quanto no coração da cidade lavra a desordem e cresce a confusão, rebentava a guerra em novos e repentinos ataques por diversos lados da praça.

Dos muros contiguos á olaria precipitam-se para o interior chuveiros de espadas e lanças, que levam diante de si, qual lava devastadora, a destruição e a morte.

Para o lado do poente investe a porta de Leiria D. Pedro Affonso, irmão del-rei, á frente de um pequeno bando de soldados destemidos.

No lado do oriente a porta de Tamarmá treme e abala-se aos furiosos vaivens da hoste de Affonso Henriques.

É ahi que se ha de decidir a sorte de Santarem. É ahi que o conflicto váe tomar proporções de gigante. Sabe-o Auzechri; vê-o através da escuridão e da grita; porque lh'o revela e lh'o mostra um presentimento do coração, o instincto da salvação na hora solemne do perigo.

É pois para a porta de Tamarmá, que se dirige o alcaide com a gente d'armas, que á pressa póde reunir. Mas antes de lá chegar encontra-se com a phalange de D. Mem Ramires, que tambem corria para a mesma porta, tendo aberto caminho ao fio da espada por entre a multidão de inimigos, que mais obstruia as ruas, que defendia a cidade.

Foi horrivel o embate. O incentivo da gloria, os estimulos do patriotismo, a defensa da propriedade, o amor da familia, a vingança de reciprocos aggravos, o odio das raças, o rancor das crenças, a exasperação da immensidade do perigo, tudo isto os exci-

tava e impellia com furor cego uns contra os outros. Já não era uma peleja de homens em duello de morte; era um combate de feras, ou uma lucta de demonios. E scena verdadeiramente infernal se estava alli representando, em que se confundiam n'um som medonho o tinir das armas, o cair dos golpes, o ranger dos dentes, o vociferar dos combatentes, os gemidos dos moribundos, e o baque dos corpos exanimes. E as trevas da noite augmentavam ainda os horrores do quadro!

Apenas alguns breves passos separavam D. Affonso Henriques d'esses seus vassallos, que assim pelejavam com tanta coragem, oppressos sob tão grande peso de inimigos. Mas desesperava el-rei de soccorrel-os, porque via baldados todos os seus esforços contra aquella almadiçoada porta de Tamarmá.

Mandára lançar escadas aos muros, porém mal chegavam a metade da sua altura, que os fizeram os moiros alli mais elevados por ser o terreno de menos difficil accesso. E o lanço, por onde os cento e vinte cavalleiros escalaram a praça, achava-se n'esse momento guarnecido de infinita moirisma.

Ouvia el-rei com a mais afflictiva anxiedade augmentar de momento para momento o estrepito e a vozeria. E confrangia-se-lhe o interior porque o alarido dos sarracenos, tão seu conhecido, de sobejo lhe provava, que o seu numero crescia a todo o instante no campo da batalha.

Concentrando então n'um esforço supremo toda a energia da alma, e todo o vigor do corpo, exhorta a sua hoste ao combate e arremette com furia contra a porta, levantando o seu grito de guerra:

Santa Maria e Sant'Iago, soccorrei-nos!

—*Sant'Iago e el-rei D. Affonso, victoria!* respondeu-lhe uma voz de dentro da porta.

Era Mem Ramires, que, vendo tambem crescer o inimigo, e aproveitando-se do escuro da noite, conseguíra retirar-se do conflicto, sem ser visto, com alguns dos seus, e vinha franquear a entrada a D. Affonso.

Tiram a custo as trancas; correm os ferrolhos; mas não apparece a chave, e a porta ainda resiste aos duplicados impulsos de dentro e de fóra.

Vôa um martello por cima da muralha, e vem cair aos pés de Mem Ramires, que em breve espaço arranca a fechadura, e abre de par em par os dois batentes da porta.

—Cumpristes a vossa palavra, bravo e leal cavalleiro, exclamou D. Affonso para Mem Ramires. Promettestes abrir-me esta porta, e ao vosso aceno se despedaçam as fechaduras.

—E primeiro arvorei o vosso estandarte sobre os muros da praça. Agora, senhor, vinde tomar posse da cidade; Santarem é vossa!

El-rei ajoelhou sobre o limiar da porta; juntou devotamente as mãos; e dirigindo para o ceo olhos agradecidos, recitou com recolhimento e fervor uma curta oração. Depois ergueu-se com presteza; abraçou Mem Ramires, e á frente da sua intrepida hoste lançou-se pela praça dentro.

A apparição de tão inesperado soccorro desconcertou os moiros, e deu novo alento aos seus contendores. Empenhou-se a peleja em mais larga escala, porém o inimigo já começa a fraquejar, mais esmorecido que fatigado.

Entretanto D. Gonçalo Gonçalves, com alguns outros cavalleiros, tinha ido abrir a porta de Leiria a D. Pedro Affonso, e á sua gente.

Accommettidos por todos os lados; desamparados pelo seu alcaide, que, vendo tudo perdido, váe caminho de Sevilha; não pensam os infieis em vencer, e mal curam da defensa da vida. A lucta está acabada. A victoria coroou as armas christãs. Os moiros, ou fogem espavoridos por todas as portas da cidade, ou se deixam atravessar das lanças quasi sem resistencia (14 de março).

VIII.

Os arreboes da aurora vieram illuminar a cruz de Jesus Christo, acabada de hastear sobre a mesquita principal de Santarem.[1] A cidade, que adormecêra na escravidão de Mafoma, acordára livre sob a egide tutelar do evangelho.

O temeroso baluarte de Auzechri não tornará a ser o terror dos christãos. Não trajará mais galas moiriscas a formosa princeza do Tejo.

Do que foi só agora lhe restam montões de cadaveres, e lagos de sangue nas ruas e praças, e a solidão no interior das casas. O que ha de ser dizem-no os canticos e as preces, que os vencedores entoam nos templos já purificados, e consagrados a Deus e á Virgem Maria.

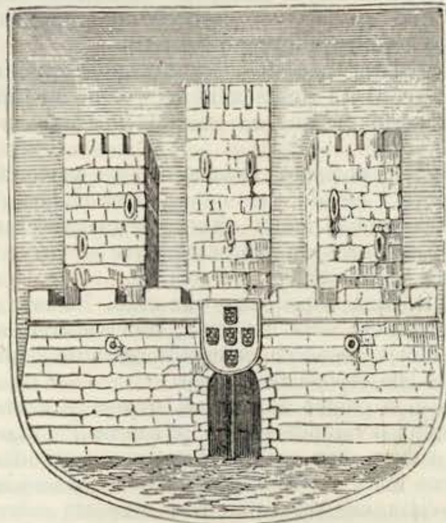
Quando os templarios captivos abraçaram os seus heroicos libertadores, não podiam crer, que tão exiguo numero de guerreiros podesse levar a cabo empreza tão gigantesca. Mesmo os proprios que alcançaram a victoria, admiraram-se do feito, logo depois do triumpho.

Tres memorias d'esta insigne façanha tem atravessado os seculos até aos nossos dias. A *porta de Tamarmá*, presentemente chamada de Atamarma, é uma d'essas memorias. Outra é a estatua del-rei D. Affonso Henriques, toscamente lavrada em pedra, segundo a tradição contemporanea d'este monarcha. Estava outr'ora na fachada da ermida de S. Miguel, que o mesmo soberano edificou dentro da Alcaçova, e que por muito tempo serviu de capella real dos paços que ahi havia. A ermida acha-se hoje em ruinas, e a estatua foi trasladada, e conserva-se na egreja do convento de S. Francisco, na capella em que está o magnifico tumulo de D. Duarte de Menezes.

A terceira memoria é o brasão d'armas de Santarem, que lhe foi dado por D. Affonso Henriques, decorando-o com o escudo das quinas, em prova de ter sido esta terra conquista sua.

Consiste pois este brasão em um castello de prata com tres torres em campo azul, sobre um rio, tendo por cima da porta o antigo escudo das quinas reaes.

I. DE VILHENA BARBOSA.



Armas de Santarem

[1] Era esta mesquita o edificio hoje intitulado S. João d'Alporão, que foi templo romano, mesquita de moiros, ermida christã dedicada a S. João Baptista, e agora *theatro*. O seu appellido de Alporão vem-lhe, com pouca corrupção, da torre contigua, que ainda existe, e á qual os sarracenos davam o nome de *torre do Alcorao*.